

BOLETIM

Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
São Paulo - Setor de Publicações - Ano V nº 19 Maio-Junho de 1995

ASSEMBLÉIA

Síntese

Dia 13/05/95

Eliana Vaz Macia e Maria Auxiliadora Arantes coordenam os trabalhos.

Esta Assembléia tem como objetivo terminar o começado pelo Congresso Interno e indicar a nova gestão. A comissão que está terminando sugere que os pontos indicativos (ver anexo 1) possam ter andamento...

... A mesa deu como encaminhamento a tarefa de defesa e oposição a cada uma das propostas. Também havia o Adendo à proposta vencedora, de Mania e Cleusa Pavan, e a eleição, de uma comissão do Adendo e uma Comissão de Pertinência. A Assembléia começou com esclarecimentos a cada proposta, etapa que alguns acharam rápida demais, outros extensa demais...

A proposta A defende a continuidade da forma atual de gestão, vendo problemas de funcionamento, acreditando que poderá ser aprimorada. Sua defesa foi feita pela autora Maria de Fátima Vicente, trazendo neste momento a possibilidade de defender a idéia, citando Maud Manori - luto pelo ódio, ou seja propõe uma espécie de trabalho de luto pelas rixas, disputas, etc., "precisamos que os setores se intercomuniquem". Seu opositor foi Rubem Abel Trucco, que não tinha um contra global, apenas uma diferença quanto à possibilidade de formulação frente à riqueza da trabalho dos membros do Departamento em seus setores.

A proposta B redefinia o lugar dos autônomos, enquanto funções a serem exercidas (esta proposta teve contribuição de Janete Frochtengarten na sua fase final, iniciada por Renato Mezan e Maria Auxiliadora Arantes). A comissão teria por função

organizar e centralizar o que recolher dos setores e fazer avançar. Deixou de lado a figura do coordenador (verticalidade da proposta). Sua defesa foi feita por Renato Mezan. Considerou que a coordenação é o coração desta proposta e que a produção coletiva é baixíssima, conclusão que tira a partir do material que chega para a Percursos. É necessário um catalizador deste processo. Pondera que o medo excessivo de que as funções possam ser exorbitadas possa ser resistência, "mas a Assembléia existe como forma de proteção, inclusive". Lembra o momento da morte de Regina Chnaiderman, quando o Departamento quase foi extinto e uma comissão formada por Mario Fuks, Ana Maria Sigal e o próprio Renato foi questionada, como um momento dramático para o Departamento. Mario Fuks entra como opositor, levantando um aparte: Não concorda que haja um coordenador centralizando a função.

Funções centralizadas limitam a produção do coletivo, segundo ele.

Na votação a proposta A vence com 33 (trinta e três) votos, contra 21.

Elegeu-se, em seguida, a Comissão Coordenadora Geral, uma comissão para estudar a pertinência ao Departamento e ainda uma comissão de adendo à proposta vencedora (ver anexo 2). Os grupos constituídos seguem abaixo relacionados.

A próxima assembléia deverá resolver as pendências do grupo da clínica, que ainda não é setor, da dissolução do setor Eventos e do Boletim e sua inserção no Departamento.

Elizabeth Antonelli Gaiarsa

EDITORIAL

Este número do BOLETIM traz a marca da satisfação de uma tarefa coletiva realizada. Desde o ano de 1994 viemos elaborando, através do I Congresso Interno e das três últimas Assembléias, questões relativas à forma de gestão do nosso Departamento e suas vias de entrada e pertinência. Nesse caminho muito da própria história do Departamento foi revivida e reatualizada, o que garante um sentido de continuidade para os membros e a avaliação do muito ainda por realizar. Com a eleição de uma nova Comissão Coordenadora Geral e a criação de mais duas Comissões, de Adendo à Proposta Vencedora e de Pertinência, temos agora a tarefa circunscrita também à produção do Departamento, enquanto lugar de seus membros neste processo.

Com a certeza de um novo começo, alimento a imagem deste momento como o do movimento do mar, no seu período de ressaca, quando grandes ondas que parecem ameaçar ao quebrar na praia, carregam o que lá encontram para dentro do mar, e ali, no seu bojo, rearranjam o que foi levado.

Nós do Boletim, também partilhamos a satisfação desta finalização, e estamos empenhados em pensar uma redefinição da inserção do Boletim no conjunto do Departamento, questão que deverá ser discutida na próxima Assembléia, conjuntamente com a questão da inserção do grupo clínico enquanto setor, e a dissolução do Setor Eventos.

Grande parte da nossa tarefa implicará uma reavaliação dos nossos estatutos.

Mãos à obra!

Elizabeth Antonelli Gaiarsa

ASSEMBLÉIA

Sobre Gestão do Departamento

ANEXO 1

Pontos indicativos para um programa de gestão, comuns às propostas A e B

Sugerimos que a próxima Comissão Coordenadora, 95/96, possa assumir como indicativos de seu programa de gestão, questões debatidas durante as duas etapas do Congresso Interno (junho e outubro) e durante as Assembléias (março, abril, maio 95), ainda passíveis de implementação. Estes pontos contidos nas publicações referentes ao Congresso Interno (relatórios de comissões de trabalho e plenárias), podem subsidiar e enriquecer linhas de políticas para o Departamento.

Em relação à Política Científica, destacam-se as seguintes sugestões:

- reativação do Espaço Aberto, restauração do espaço de discussão clínica, fórum inter-setorial de debates, implementação de atividades inter-setoriais; projeto, Universidade/Psicanálise, articulação do Social e da Psicanálise.

Em relação à Política Organizativa destacam-se as seguintes sugestões:

- melhor explicitação e formulação das questões referentes ao pagamento da semestralidade e do uso do dinheiro no Departamento; processamento da relação departamento e Instituição Sedes principalmente referida ao reconhecimento dos membros; delimitar melhor as questões relativas às atividades de secretaria, discussão da proposta relativa ao nome do Curso.

Em relação à Política de Pertinência e de Inserção:

- apoiar e manter estreita relação com a Comissão especial indicada em assembléia, com duração proposta de 3 meses, para discutir e encaminhar as questões de pertinência e inserção; aprofundar a discussão Associação/Departamento de Psicanálise ou Associação/Departamento de Psicanalistas.

Inserção no movimento psicanalítico Internacional:

- discutir e implementar atividades que possam processar estas questões.

ANEXO 2

Adendo à proposta vencedora

Que seja constituída uma Comissão especial, integrada por 5 membros do Departamento, para assessorar a Comissão Coordenadora com o objetivo de preparar a elaboração de um programa de ação futura, através das seguintes atividades:

- I. Consultar e analisar todos os documentos do Departamento
- II. Entrevistar membros dos Setores
- III. Participar de reuniões rotineiras do Setor sugerindo uma pauta específica:
 - o que o setor faz?
 - como realiza seu trabalho?
 - quais as metas alcançadas?
- IV. Rascunhar um texto que dê visibilidade a estas formas de ação interna.
- V. Divulgar este texto para avaliação.
- VI. Elaborar um texto final a partir dos vários textos de setores, sistematizando diretrizes para um programa de ação do Departamento.

Duração Gesta Comissão: 1 ano

ASSEMBLÉIA

Grupos Eleitos

- Comissão Coordenadora Geral
- Representantes autônomos*
- Eva Wongtschowski - 883.6642
- Maria de Fátima Vicente - 282.4506
- Mário Pablo Fuks - 259.0922
- Representantes de Setores*
- David Calderoni (Clínica) - 61.5117
- Isabel Vilutis (Curso) - 256.4758
- Marli Ciriaco Vianna (Grupo de Estudos) - 533.4841
- Roberta Bertone (Saúde Mental) - 864-9276

- Rubia Mara Nascimento (Publicações: Revista Percurso) - 62.7743
- Comissão de Pertinência
- Ana Maria Sigal - 67.7469
- Eliana Vaz Macia - 815.1315
- Maria Cristina Ocariz - 256.4758
- Maria de Fátima Vicente - 282.4506
- Maria Laurinda R. Souza - 822.7820
- Comissão de Adendo (Nota do Grupo: este nome é provisório)
- Cleide Monteiro - 887.3557

Cleza Pavan (estava ausente na Assembléia e declarou-se impossibilitada de fazer parte deste grupo)

Mania S. Deweik - 887.3557

Maria Antonieta Whately - 62.4225

Regina Célia Cavalcante de Carvalho - 826.1140

Maria Lúcia Calderoni (eleita suplente, passa à efetiva) - 820.0539

DOS SETORES

Clínica

O grupo de membros que vem trabalhando no Projeto do Setor Clínica do Deptº de Psicanálise, informa aos demais colegas do

Deptº e alunos do Setor Curso, que já estão sendo realizados pelos membros participantes da Clínica do Instituto reuniões abert

tas sempre às quartas-feiras, das 8:00 hs. às 10:00 hs. - sala 06. Nesse momento, esse espaço está sendo

utilizado mensalmente para um Ciclo de Estudos, cuja finalidade é a de possibilitar uma fundamentação teórica ao Projeto de Clínica Social para este Instituto Sedes Sapientiae, no qual estamos inseridos.

Essa proposta visa nortear maiores questionamentos com relação à atual política de saúde mental. Para tanto, foram sugeridos quatro módulos temáticos:

I. Desconstrução dos conceitos de doença

mental e de saúde mental (10/05/95 e 07/06/95)

II. Discussão das noções de prevenção e profilaxia em saúde mental (05/07/95)

III. Discussão da noção de subjetividade (no 2º Semestre em data a ser confirmada)

IV. Políticas de Saúde Mental em vigência atualmente na rede pública (data a confirmar)

Os objetivos de cada módulo, textos principais de referência e bibliografia adicional, encontram-se à disposição para cópia aos interessados, na Biblioteca do Instituto.

Convidamos, portanto, todos os colegas a participarem desse ciclo que muito tem contribuído para nossa reflexão enquanto trabalhadores da Saúde Mental.

Grupo Clínica

DOS SETORES

Publicações

Percurso nº 13

Debate Autores-Leitores

Renato Mezan abre a reunião enfatizando que trata-se do quinto encontro entre autores e leitores de Percurso e que, de início proposto pela equipe, com o objetivo de avaliar os efeitos da leitura e de promover, pelo encontro com os autores, uma certa desmistificação da escrita, o debate é hoje cobrado pelos leitores que ficam aguardando sua realização. Explica para os que estão vindo pela primeira vez como funcionam as reuniões. É um "procedimento sem procedimento", há uma organização espontânea da discussão que funciona como um ato de fé na livre associação. Comenta que este número organizou-se à revelia de determinações da Comissão Editorial. Foram chegando artigos que revelaram uma linha comum abordando as fronteiras, os limites exteriores da Psicanálise, e textos que vão além do que tradicionalmente são os temas psicanalíticos, como os de Marion Minerbo, Célio Garcia e Myriam Uchitel. Foi possível à Comissão perceber um certo parentesco entre textos que chegaram aleatoriamente. Quando isso foi escrito no editorial houve leitores que expressaram surpresa por não terem percebido esse fio condutor. Renato pergunta se os autores, ao lerem a revista, tiveram essa impressão.

Myriam Uchitel diz que a leitura do editorial já condiciona, determina o enfoque para quem vai ler. Foi uma das que não reconheceram uma temática neste número e pergunta até que ponto é interessante que haja uma temática. Acha que neste número há "pacotes de temas" que se aproximam, falam do irreduzível, do que escapa. Remetem a pensar na pulsão de morte, no irrepresentável. Mas acha que não seria exatamente um fio condutor como em números anteriores. Camila Salles observa que só leu o editorial depois de ler os textos. No seu artigo fala do estranho, do diferente, do estrangeiro e,

ao pegar o texto de Marcelo Viñar, encontrou o tema em comum. Ficou se perguntando como isso tinha acontecido. Elizabeth Gaiarsa acrescenta que desta vez sentiu menos unidade entre os textos, o que fez com que a leitura parecesse mais extensa. Causou-lhe estranheza a sensação de que a revista não acabava mais e que desta vez estava mais como revista mesmo do que como uma coletânea temática.

A conversa faz Marion Minerbo pensar naquilo que organiza a narrativa (referindo-se ao texto de Mara Caffé). Seremos artesãos da clínica nos transformamos também em artesãos de alguma outra coisa. Acha que isso se relaciona com sermos, segundo ela, sujeitos pós-modernos. Estamos produzindo textos cada vez mais narrativos, que tangenciam o que acontece no consultório, são diferentes daqueles do começo da psicanálise, que eram típicos relatos clínicos. As questões que hoje nos ocupam estão neste limite de que o Renato estava falando. Por sua vez, Célio Garcia comenta que estamos todos lançados nesse campo da cultura. Quando escreve, procura não usar o jargão, preocupando-se em ter leitores interlocutores, como nessa oportunidade. Ache interessante que a revista não seja apenas para um pequeno grupo e vá para um campo maior, como o teatro, a epistemologia, a ética. Apreciou muito esse movimento, já que pensa a Psicanálise presente na política, na cultura; mais adiante dirá algo mais sobre esse espaço. Noemi Moritz Kon relata como a questão do estranho se colocou até na seleção da capa. Geralmente é escolhida capa não figurativa e desta vez acabaram por se concretizar duas figuras, uma clara outra escura.

Daniel Delouya quer colocar uma questão mais específica. Acha que entendeu partes da revista, outras não. Dirige-se a Célio Garcia mencionando uma aproximação com o texto de Marion Minerbo que faz eco com sua própria aproximação fragmentária

à filosofia. No texto de Célio Garcia questiona se o que pretende é uma inversão da *Das Ding*, uma inversão do que é *a priori* para Kant. No texto o *a priori* é o objeto sensível, enquanto em Kant o *a priori* são as formas constitutivas da razão. Célio Garcia responde que buscou atravessar as formas de dessubstanciação do objeto. A idéia básica é de que haveria uma dessubstanciação. Faz referência à *Das Ding* em Kant e à leitura de Freud, no Projeto. A leitura de Projeto é crucial para nós. Freud fala para neurólogos. Alguém que se pretenda cientista não iria lançar mão da *Das Ding*. Fica demonstrado o interesse de Freud, pois, ao falar do objeto como *Das Ding* aos neurólogos, já há aí uma dessubstanciação. Depois a psicanálise vai assumir outros compromissos, pois a questão do objeto não seria tão simples. A relação do objeto já estava em Freud. Faz parte do horizonte contemporâneo.

Renato Mezan retoma uma aproximação das características desse número da revista. O que Marion Minerbo falou sobre sermos pós-modernos, sobre a expressão narrativa, sermos artesãos da clínica: como isso se articula com a dessubstanciação? Temos artigos sobre psicanálise e outra coisa (o tango, a literatura, a arte, etc.). Poderia haver um risco de se recair em uma certa psicanálise aplicada; isso foi notado pela Comissão. Também vários artigos, mesmo os mais psicanalíticos, questionaram algo da própria psicanálise. Questionaram o que haveria de fecundação, de impregnação da psicanálise em seus contatos com outros campos. Perguntaram-se se a forma de Percurso está mudando e se é tanto assim. Outras publicações apresentam artigos mais "formatados" e, ainda, se não há a presença do trabalho clínico nessa outras formas de textos, mais narrativas, se não é outro modo de presença da clínica. Não pensa que a revista esteja se afastando da fonte clínica do pensamento psicanalítico.

André Gaiarsa, dirigindo-se a Célio Garcia, diz que ficou pensando na questão da politização. Imaginou que seria como tentar escavar uma trincheira numa guerra. Há um período gestacionário da trincheira em que se decide em que direção cavar. Trata-se de como localizar o deslizante. Trabalhamos com o que desliza. Acha que há um entrecruzamento entre duas coisas que causa confusão. Há a óptica pós-moderna e a da psicanálise. Há a falência do projeto epistemológico moderno e a descoberta de que a razão não recobre tudo. Há o *não* à razão. A psicanálise se coloca nos limites da razão, pela emoção, afirma outros sentidos. É uma espécie de "pororoca" dos dois movimentos, uma agitação que não repousa. Vão se cruzando, a pós-modernidade e a psicanálise. Somos portadores da falência da razão e do inconsciente. É um momento complicado para a politização. Célio Garcia responde que tinha pensado em política sem trincheira, sem partido, na Universidade, na instituição psicanalítica. Pensa em que maneiras a psicanálise teria para sobreviver neste pensamento pós-moderno, frente aos apuros em que se meteram outras correntes de pensamento como o marxismo. A chance da psicanálise é poder se apresentar sem trincheira, fazer uma política sem alvo e sem partido.

Elza Oliveira Dias quer aprofundar a questão da dessubstanciação. Pede a Célio Garcia que fale a respeito. Ele refere-se à aventura, à primeira visão dos missionários na África que consideraram o objeto como fetiche. Espera que não mais sejamos tão comprometidos com o estatuto do objeto como eram os missionários. Era uma postura heroica mas ingênua. Também reflete sobre a missão dos iconoclastas dos séc. VIII e IX: a destruição das imagens que se multiplicavam em demasia.

Elza indaga: imagem como sinônimo do quê? A imagem fica como o fetiche. Hoje falamos dessa dessubstanciação do objeto. Pergunta-se sobre a dessubstanciação do sujeito. Por que colocar o *a priori* do objeto? Trata-se (no texto) de um objeto diante de uma consciência. Mas a psicanálise tem uma racionalidade própria. Há sujeito e objeto bem delimitados na psicanálise. Há uma reificação. A psicanálise é cartesiana. Não corre o risco de se esboroar na pós-modernidade porque não tem os elementos que poderiam ser criticados. Que direção ela poderia seguir? Célio Garcia acrescenta que o próximo capítulo, depois do objeto, seria a dessubstanciação do sujeito. André questiona a possibilidade de pensar em fluxos. Se não há o objeto, existem direções.

Renato Mezan observa que está se decantando o tema do pós-moderno. Há direções que se opõem. O artigo de Leandro vai

abordar o sujeito, o de Myrian, o que se materializa nas letras dos tangos, o de Mara, a posição do narrador. Será que não estamos caindo no risco de uma divagação movida por seu próprio gás? Seria importante descer da estratosfera para a prática da psicanálise. Também há artigos que vão numa direção de conservação da modernidade. Isabel Vilutis lembra que antes dessa discussão se estava falando de haver maneiras menos convencionais de falar da clínica. Acha que podem haver de fato algumas trincheiras. A clínica estabelece limites para a nossa especulação. Acha que neste momento o pós-moderno é fundamentalmente a clínica. Evoca a questão clínica do narcisismo, dando exemplo de sua clínica com adolescentes, a problemática de suas escolhas, a falta de laços, os efeitos da queda das ideologias. São trincheiras em que nós trabalhamos e parece que na discussão não estamos nos afastando tanto.

Elisabeth Gaiarsa refere-se ao artigo de Elza. É um artigo que remete à falha do analista como um acontecimento que faz parte do humano. Quando puxamos isso para a clínica pode se ver melhor. Décio Gurfinkel comenta que o artigo de Elza é exemplar. Fala da psicanálise como ela é. Seu artigo, pondo em foco a falha do analista, mostra que aí há uma fecundação e possibilidade de desenvolvimento que seria impossível pensar há alguns anos porque seria marginal. O pensamento de Winnicott é bem claro neste sentido. Para Elza, Winnicott era muito tentado pela circunscrição. Buscava determinar como funciona um novo campo de relações que se distancia do *setting* clássico, onde a natureza das relações seja um pouco diferente. Não sabe como ficaria a questão da falha num *setting* clássico. Talvez se possa falar de uma certa invulnerabilidade do analista em função da abrangência do conceito de resistência. Seria preciso quebrar a conceituação de resistência. Décio acentua que a falha deixa de ter sentido negativo. Poderia haver um remodelamento mais global da análise. A falha e o silêncio podem ter valor positivo. Elza esclarece, então, que a ilusão não é falsidade. Para Winnicott, é precisamente na ilusão que se constitui a realidade. Décio observa que estas inversões de sinal propiciam uma reconfiguração do campo analítico muito significativa em relação à psicanálise clássica. André inquieta-se com o que está sendo chamado de clássico. Elza esclarece que é a clínica montada a partir da intrasubjetividade. Acha que apesar de todo o trabalho que se desenvolveu sobre as noções de transferência e contratransferência, fica predominando a intrasubjetividade como alicerce da clínica. O importante seria questionar de

fato o que acontece na relação. Décio brinca com "entre-subjetividade" ao invés de intrasubjetividade. Elza concorda com termo do Décio e retoma apontando que Melanie Klein, mesmo falando de objeto externo, continua na subjetividade. A discussão entre ela e Winnicott é um diálogo de surdos pois partem de concepções diferentes do externo. Há em Winnicott uma nova aceção da questão do acesso à realidade externa. Há aí uma péssima polaridade. Em Winnicott o ambiente não é o externo. Entra-se de outra maneira na constituição da realidade e o acesso à realidade interna não se dá pela representação.

Mara Caffé reporta-se à entrevista de Laplanche, (pág. 84, coluna do meio) "... o nefasto da psicanálise ..." (vai para a 3ª coluna) "... a partir do momento em que pensamos um inconsciente que não seja individual, i. é, algo que seja trans-individual, ... a prática psicanalítica deixa de existir". Quer saber qual a idéia de inconsciente que vai sendo formulada no artigo de Elza. Faz uma articulação com a idéia expressa em seu próprio texto, de um inconsciente forjado na inter-relação. Elza refere-se ainda ao texto do Laplanche e à crítica que este faz à concepção de Lacan (de inconsciente formado na estrutura, trans-individual). Pensa que nem na intra-subjetividade nem nessa trans-individualidade a psicanálise tem um mundo. A Psicanálise não tem mundo. Achou muito interessante o que Mara elaborou a partir do pensamento de Benjamin e acha que nesta articulação do narrador há o esquecer-se de si, o entre, o espaço transicional, o criativo. A ilusão é que permite a formação de um terceiro espaço. Prefere o *entre*.

Myriam Uchieli acha que o debate está em torno da questão do objeto da psicanálise. Pergunta se o nosso fetiche, o dos analistas, não seria o inconsciente do paciente, ou o inconsciente da sessão. Aponta o que desperta o interesse de todos quando se fala de questões transgressoras, mas só se fala destas questões quando se trata de casos de psicose ou pacientes fronteiriços. Aí se pensa na falha do analista. Pergunta se o que acontece nestas situações não camufla, de certa forma, o que também acontece com os neuróticos, que tratamos como se já estivesse tudo resolvido. Elza pensa que há diferença. Na neurose se está em estado mais desenvolvido. O neurótico conseguiu atingir relações interpessoais. Para Winnicott, o psicótico ficou aquém disso. O psicótico nos coloca diante de uma questão quanto ao que é a vida, na doença ou na sua ausência. Há todo um trabalho do *setting* relacionado à questão da regressão à dependência. Na psicose o que está em questão é o fundo do

humano: a doença não se ocasiona. É o *fundo mesmo*. O indivíduo se alça à neurose. Para Winnicott, quando se fala em neurose muita coisa já foi dita. Quanto ao que Myriam disse, acha que, de fato, há a falsa impressão de que a neurose já está compreendida. É preciso tomar conta do que não é neurose. Nem sempre a neurose está estabelecida. Não é que se negue, ou que falando do psicótico se encubra. O *setting* de Winnicott está voltado para os estados psicóticos. A falha do analista para o neurótico não tem a mesma função que para o psicótico cujo quadro pode ser descrito em cores fortes. Ao contrário do que ocorre com o neurótico vulgar, como nós, com quem dá para ter um bate-boca, com o psicótico é muito mais complicado. Mas acha que caberia sim, pensar no que serve para outro campo.

Marion pensa em como se produz o conhecimento em psicanálise. Em cada campo surgem conceitos que podem servir para outro? Décio lembra o artigo do Renato sobre as matrizes clínicas. Ali está como as matrizes clínicas diferentes vão exigindo novas conceituações. Parece que com Winnicott seria possível retornar e construir um paradigma mais amplo para a psicanálise. Winnicott pôde desenvolver suas idéias a partir da matriz dos *borderlines*. Em Freud há a neurose de defesa, a resistência e a compulsão à repetição, já que nem tudo pode ser recordado. Cada matriz vai exigindo novas concepções. Pensa que na psicanálise clássica muitas coisas não são tocadas. Amplia-se de um campo para toda a psicanálise. Em Winnicott há ampliação e reaproveitamento. Parece que a oposição entre Melanie Klein e A. Freud se reproduz em termos de Winnicott e Melanie Klein. Mas há nele a preocupação de relativizar e não ocupar um lugar de oposição. Não procura criar outro grupo. É um pensamento novo sem cristalizações, que pode incluir as diferenças.

Ana Maria Sigal pensa que se está falando do que é almejado mas não é o que acontece. Lembra o que aconteceu com M. Khan, que foi punido por suas posições disruptoras. São expulsões apesar do desejo. Pensa também em Lacan. Em um dado momento Lacan rompe porque é a única coisa a fazer. A direção teórica tem a ver com a política científica. A história do movimento vem mostrando que o que acontece é diferente do que estamos falando. Há uma relativização entre o que é desejável e o que é possível. Camila pergunta como se dá a emergência dos conceitos. Acontecem os fatos e formamos conceitos para elaborá-los? Ou será que são os fatos que nos fazem elaborar conceitos preexistentes? Os conceitos emergem ou estão lá e são atravessadores? O que é excluído, o estranho, é muitas vezes a possibilidade de tornar a pensar o que já

estava conceituado. André diz que vai aumentar a confusão: a clínica é a trincheira, mas há um traidor. Não sabemos se estamos criando ou percebendo fatos. Décio considera que talvez esta questão não se coloque, porque o que emerge não vem do sujeito mas da relação. A oposição percepção/projeção aí não se coloca. Marion remete-se ao artigo de Mara. Voltou a pensar na questão da narrativa, que se constrói no espaço do *entre*. Pensa na memória falada pela família. André cita uma passagem do "Complexo de Portnoy" em que a criança vê a neve pela janela e pergunta: "mamãe, nós acreditamos no inverno?" Marion diz que M. Khan acreditava na primavera.

Elza retorna ao artigo de Mara, que achou muito bem trabalhado, citando a passagem em que Freud fala da teoria da amnésia infantil. Desde onde o adulto sabe o que é insignificante ou indiferente para a criança? Talvez, para o adulto, se tenha configurado uma experiência que não era a dada justamente para a criança. Mara diz que são perguntas do próprio Freud. Elza continua, observando que ninguém parece ter se perguntado se para a criança foi importante, em um espaço outro que não o que está marcado pela Psicanálise. Como adultos, há também momentos mínimos, em que alguma coisa é nova, diferente. Fulgurações que nos tocam mesmo quando parece pouco relevante. Mara complementa que, a seu ver, na narrativa o sujeito é que vai conferindo importância ou não nos fatos em momentos diferentes da vida. Ana Maria questiona se, então, o que está demarcado pela psicanálise não é expressão cognitiva, mas algo que se formula, como "o que minha mãe quer que eu seja?" É o desejo da mãe. Elza responde que a ilusão é háptica mas, na psicanálise, a mãe é só objeto de desejo.

Renato retoma o que Elza havia dito sobre o fundo do humano. Um dos eixos da discussão parece o das polaridades interior/exterior, projeção/percepção, mundo no qual se alçar / mundo do social e da cultura. Indaga se seria possível pensar em uma inerência do social e cultural à própria psique. Não seria apenas usar o forjado no psíquico para entender a cultura. Isso mudaria o que se tem chamado de psicanálise aplicada. É a mesma matéria prima que constitui o sujeito e a inserção do mundo nele. Assim, a psicanálise seria absolutamente legítima para pensar a cultura. A mesma matéria prima estaria no indivíduo, na relação e na cultura. Elza acha que sim, há a inerência como possibilidade do sujeito, mas ela requer um cultivo. Não é garantido que ele chegue lá. É requerida uma preservação da continuidade do ser para haver um acesso. Do contrário este contato

ficaria artificial. Sem a criatividade se cai numa externalidade física, chega-se à esquizofrenia, cujo mundo é iluminado, sem sombra, sem densidade.

Marion dirige-se a Renato perguntando: em termos de psicanálise do teatro ou da literatura, como ficaria a transferência? Como ficaria a transferência para pensar a cultura. O conceito se amplia, se modifica, abre exceção? Cultura e psíquico podem ser dissociados? André acrescenta que pensamos a cultura como inserção mas ela também é supressão. A cultura é supressiva, não permite criação da individualidade. Então, como usamos a transferência? Quando a psicanálise se dirige ao cultural, falta como discriminar o que é pró e o que é anti-existencial.

Maria Auxiliadora Arantes intervém, comentando que a partir da fala do Renato lhe ocorreram duas coisas: se existe a psicanálise aplicada e onde fica a transferência. Um debate metapsicológico, de conceitos, não é estritamente da ordem da clínica, pode ser útil para outras inserções e campos não clínicos. Isso é psicanálise aplicada. Mas, do ponto de vista teórico, são universos de construção específicos em que a Psicanálise pode fazer esta amarração. Na clínica o que acontece é de outra natureza. O que aparece da política, do teatro, da arte é transferencializado. Hoje a psicanálise está atravessada por estes campos. Os psicanalistas tem circulado pelo que antes era fora do seu contexto.

Marion evoca o que lhe ocorreu quando produzia seu texto. Primeiro tomava o diálogo dos personagens *lá*, não tendo nada a ver com ela. Pensando nos interlocutores foi vendo que pelo ângulo de um deles, de fato, a seu ver, a relação com o trabalho ficava perversa. Foi dando razão a um deles. Pergunta se isso não é um efeito transferencial do texto, que permite escrever psicanálise. Renato pontua: o que ocorreu é efeito de identificação. É do personagem, que lhe permite identificações a partir do texto. Noemi Kon observa que aí se está numa visão do mundo. Quando se fala em psicanálise do teatro, *disso, daquilo* se está numa visão do mundo. O Editorial alerta quanto à onipotência do analista como possuidor de um saber total, de uma "visão de mundo". A psicanálise precisa ser empesteadada, não como quando é vista do "meu divã" (aqui comete um ato falho, pois ia dizer poltrona). Camila comenta o lapso: "Você *achou* que estava na poltrona". Noemi conclui que no fundo não saímos mesmo do divã, mas ia dizer que não cabe à psicanálise usar outros campos para exemplificar.

Andrea retoma um termo de Célio: psicanálise *implicada*. Conta que trabalha em Belo Horizonte, com Célio Garcia, e vem pesqui-

sando relações entre teoria psicanalítica e filosofia. Reporta-se ao psicanalista Alain Badiou, que menciona condições para o pensamento. Para ele são o *amor*, a *lógica*, a *poesia* e a *política*. A psicanálise não estaria acima, mas no mesmo plano daquilo que ela aborda. Camila acha que há vozes de unidade em relação à colocação da Marion. Talvez ela quisesse abrir o leque de considerações, com a discussão sobre a transferência. Considera que outras situações culturais nos fazem repensar nosso repertório conceitual e para que situações transferências isso nos remete. Não para psicanalisar a obra, mas para transitar das singularidades para o universal e vice-versa, e reportar-se à emergência dos conceitos. Importa não ficarmos presos ao genitivo *do* como em psicanálise *do* teatro. O pensamento psicanalítico transita pela cultura e vice-versa. Isabel também refere-se ao pensamento de Marion considerando que é preciso cuidado ao se falar em transferência na psicanálise aplicada. Há risco de o conceito ser muito diluído. Transferência é diferente daquilo que se vive quando se é penetrado pela obra de arte. Por isso cuidamos que o conceito fique restrito à situação analítica. Marion questiona se, de certa forma, não somos um pouquinho "curados" pela obra de arte. Isabel acha que não no sentido psicanalítico.

Elza observa que para Freud a transferência também é ubíqua. Entende a necessidade de circunscrever e depurar o conceito, mas também pensa que a transferência referida à relação entre paciente e analista já vem delimitada pelos operadores que regem esta relação. Para a psicanálise isso necessariamente vem do infantil. Pergunta-se se nada emerge de novo neste lugar. Se a psicanálise senta na poltrona, ela só escuta o que vem da sexualidade ou do infantil. Na leitura do trabalho da Marion há outras possibilidades. Há a importância de trabalhar como boi, não dar dote à filha. O que é posto em questão não é o trabalho, mas sua submissão a garantias além das do trabalho em si. O russo não ganha, perde, ele tem *incúria*. Entende a apreensão de Marion mas não a ligação desta com o diálogo de Dostoiévski. Há toda a elaboração da noção de nobreza, que não implica afirmação de superioridade. Para o samurai japonês a nobreza está em morrer com coragem. Então o que se escuta da literatura, ou do paciente, para de fato acompanhá-lo? Escuta-se da poltrona o que cabe na doutrina.

Camila ressalta que o que se escuta na poltrona é o que se sabe da doutrina mas a psicanálise teria a capacidade de escutar o que *não cabe* na doutrina. Ana Maria acrescenta que se tem de levar em conta uma

cultura que não é a da produção cultural. A cultura que vai marcando a subjetividade. Temos tudo no mesmo recipiente. Há a cultura na qual a mãe também está incluída e o *holding* da mãe transmite essa cultura. Precisamos de uma redefinição de termos mais aquém. Célio fala de haver um sujeito do coletivo, do social. A política a que se refere passa por essa subjetividade. Ana Amaral pede que ele explique melhor. É a subjetividade que passa a política. É por isso que a psicanálise tem uma chance. O sujeito do social não é o das classes sociais. É a subjetividade o que nos interessa em matéria de política.

Renato concorda com Ana Maria. Escutar o que não cabe na doutrina é difícil em qualquer campo. A discussão o fez pensar nas idéias de Thomas Khun a respeito dos paradigmas, das mudanças e da ciência normal. Acha que a maioria das nossas sessões ocorre de acordo com o paradigma. De vez em quando acontece alguma outra coisa. São sessões que trazem focos que nos fazem pensar as nossas referências. Ao escrever questionamos estas coisas. Por conta desta psicanálise cotidiana, somos refratários às coisas que não cabem nos paradigmas. Surgem carinhos duros que nos exigem reformulações. Precisamos adequar nosso ideal do ego, ter noção de que não somos tão inovadores. Freud, sobre a *Interpretação dos Sonhos*, diz que um tal *insight* só se tem uma vez na vida. Inúmeras vezes nos mobilizamos diante de uma obra de arte. O escrito muitas vezes apenas reafirma o que foi mobilizado no contexto da doutrina. O inovador é quando ocorre algo que mobiliza e abre buraco na economia narcísica de cada um. É raro. Acha que não dá para aplicar-se à questão da transferência. O texto promove identificações diferentes para leitores diferentes. Aprecia a idéia de psicanálise implicada (do Célio). A transferência vem da obra, mas diante da obra estamos não como analisistas e sim como analisandos. O trabalho psicanalítico se dá a partir daí. Há uma especificidade do trabalho intelectual que se faz então pelas obras de arte, na cultura, etc. A Myrian, por exemplo, trabalha com as letras dos tangos e nos mostra uma melancolia que existe na especificidade histórico-social destes produtos. É possível entendermos mais detalhadamente a melancolia a partir desta forma e do que a determina. Importante que se esteja atento para as implicações da psicanálise no cultural e vice-versa, que se encontre formas de pensar esta reciprocidade.

Myriam diz que tudo isso a fez pensar em Freud diante do *Moisés* de Michelangelo. Descreve como Freud fica tomado, impactado, em contato com seus próprios senti-

mentos. Dodora diz que ele é levado a pensar em si mesmo, mas também no próprio Michelangelo e nas circunstâncias que vivia quando produziu a obra. Os olhos da estátua revelam seu ódio (o de Moisés diante dos adoradores do bezerro de ouro e o de Michelangelo em seu conflito com o papa). A estátua tem natureza construída, algo que o mobiliza. Freud também escolheu o nome de Édipo para o sonho que teve com sua mãe. Isto nos leva a considerar o uso que é feito do que é escutado ou sentido, que é o que dá esta especificidade. Para André, estão sendo abordadas duas coisas. A psicanálise da produção cultural e a psicanálise do produto cultural. O produto coincide com a ilusão. Não tem realidade a que ser reduzido pois já é uma extrema redução. Ana Maria assinala a dificuldade que se tem em desfazer-se de certos lugares. Freud marca as diferenças de uso do termo transferência e de aplicação do método psicanalítico. Conta um episódio em que convidou seu marido para acompanhá-la a uma conferência sobre psicanálise e nazismo. Nela, o conferencista relacionou as causas do nazismo ao nome do bisavô de Hitler, que significava cozeiro, deixando de lado outros determinantes (sociais, históricos, etc). Nunca mais o marido a acompanhou, tão abusiva foi a extrapolação do método. O importante é deixar claro o uso do método na clínica. Na obra de arte isso não pode acontecer só, sem levar em conta outros fatores.

Laurinda quer retomar a questão da subjetividade na fala do Célio. Como constrói a subjetividade. No texto de Marcelo Viñar ele vai mostrando como toda a fala está marcada por lugares sociais. Esta é a dificuldade em escutar além do próprio referencial. Faz uma citação à pág. 11 do texto do Viñar (... Pensar por si mesmo e parir a própria alteridade ...) Faz pensar na gente quando o paciente não cabe. Renato: A gente parte de um superego teórico. Só num segundo momento é que se pergunta se não cabe mesmo. Temos a capacidade de reconhecimento na sessão do que pode cair sob a alçada da teoria. Há um jogo entre o ouvido e o pensado ao qual não damos importância. Procura-se reconhecer um fenômeno como sendo de uma certa classe. O reconhecimento do inconsciente se daria pela inteligência emocionada.

Elza pensa na possibilidade de interrogação que seja realmente diferente. Sempre interrogamos supondo que *algo* está acontecendo. Para Winnicott pode realmente não estar acontecendo nada. Na psicanálise temos sempre a pressuposição de estarmos construindo nexos. Nossas interrogações são de tipo positivo (retorna ao texto da Mara). A patologia fica uma organização que traz para a clínica a necessidade de atar tudo.

Perde-se certa gratuidade dos fatos. Relata o episódio do garotinho de sua amiga, que no meio de brincadeiras num fim de semana, parou e começou a chorar. A mãe o cobriu de perguntas sobre o que estava acontecendo e uma colega lhe disse para deixar o menino chorar. Ele se acalmou gradualmente e explicou que "só queria chorar um pouquinho". Na clínica temos necessidade de atar coisas. Cita Pontalis na introdução do *Brincar e Realidade* (ed. francesa). Faz referência a uma dimensão de ausência, um vazio que é necessário ao sujeito. Para Winnicott, na tópica o sujeito está mutilado. Há ausência do objeto e também do sujeito.

Noemi menciona a resistência ao imaginário, a partir de um texto da Monique Schneider. Freud fala do poeta como quem falsifica a realidade. A relação de Freud com a arte é de cumplicidade, inveja, tem muitas faces; é ambígua. A *Percurso* nº 15 tratará de psicanálise e arte. Dodora lembra as condições para as quais foi produzido o texto de Marcelo Viñar, para o simpósio sobre xenofobia, realizado na Alemanha em 92, promovido por Horácio Riquelme, no auge das campanhas contra o surgimento do neonazismo. Organizado por latino americanos residentes na Europa e saudado com

grande entusiasmo, é o artigo que encerrou o simpósio. Ana Maria refere-se à carta 69 de Freud. Pensa que no episódio relatado pela Elza pode não ter ocorrido nada ou ter havido alguma ressonância fantasmática.

Décio, tomando como exemplo o texto de Marion e pensando em Dostoiévski, questiona-se sobre o processo de produção do autor. Renato comenta como a Comissão Editorial tem se proposto a assessorar os autores neste processo. Alan V. Meyer, da *Ide*, comenta a pasteurização que é imposta aos textos do *International Journal of Psychoanalysis* e que os editores da *Ide* não intervêm nos textos que recebem. Menciona Féddia, para quem o esforço de introduzir na linguagem a filosofia e a arte promove verdadeira luta com a linguagem e implicação do analista no texto.

Kitty Haaz esclarece que o trabalho da Comissão Editorial não têm o sentido de pasteurizar. Abriu-se este número com o artigo de Viñar, com a pluralidade e o estrangeiro. O trabalho da Comissão visa englobar a pluralidade e melhor expressar a singularidade. Dodora faz um comentário sobre as resenhas que tem sido feitas, destacando-se a de Noemi M. Kon sobre livro de Ítalo Calvino, a de Cecília Brito sobre o Garcia-Roza e agradece a Janete Frochtengarten

pela ótima resenha de seu livro. Ana Sigal sugere que se discuta o papel da Comissão Editorial e qual a responsabilidade do autor na escrita. Como se articula o desejo próprio e a influência externa. Cecília M., que está escrevendo para o próximo número, acha importante o trabalho da Comissão e sente que não perde a autonomia. Considera a *Percurso* um espaço de continuidade da formação e o trabalho da Comissão ajuda a pensar, escrever e ilustrar. Cecília Brito acha que permanece uma certa ambiguidade. Gostou da ajuda da Comissão, mas não sabe se é legal ou não.

Como nas oportunidades anteriores, o debate do nº 13 de *Percurso* propiciou a retomada e o aprofundamento de diversas questões mobilizadas pela leitura da revista. Assim, estes encontros vão configurando mais um espaço de troca e diálogo valioso no contexto do Departamento de Psicanálise. Como disse Cecília, referindo-se à revista, também o encontro autores-leitores é um espaço de formação, na medida em que possibilita apropriações e desenvolvimento do pensamento.

Eliana Borges Pereira Leite.
Renato Mezan.

PONTO DE VISTA

Percurso e Psychoanalytic Abstracts

O Departamento recebeu o número de março de 1995 do *Psychoanalytic Abstracts* (9:1). Trata-se de um índice que resume, trimestralmente, publicações psicanalíticas. O número de março de cada ano contém sumários de livros e de capítulos de livros; números de junho e dezembro trazem resumos de artigos de diversas revistas, entre as quais *Topique*, *Psychanalyse de l'Université* (a revista de Paris VII), *Nouvelle Revue*, e várias outras em inglês, francês, espanhol, italiano e alemão. *Percurso* será indexada nestes números, sendo a primeira publica-

ção em português, fora das revistas da IPA, a ser coberta por um índice internacional.

Para nossos membros e para os assinantes de *Percurso*, o índice será útil como fonte de bibliografia e de atualização quanto ao que está no "ar do tempo". Para os autores cujos textos forem indexados, a vantagem é ter seu trabalho divulgado em outros países, favorecendo o intercâmbio com colegas estrangeiros. E para a revista, ser indexada por *Psychoanalytic Abstracts* significa entrar, pela porta da frente, no rol das publicações científicas cuja qualidade é reconhecida por

um órgão independente, ou seja, atingir uma espécie de maioria. Reconhecimento do trabalho e da dedicação de toda a equipe de *Percurso*, o que nos deixa felizes e nos incentiva a novas realizações.

Este volume de *Psychoanalytic Abstracts* está disponível na biblioteca do Sedes, para consulta por todos os interessados, o que ocorrerá com os demais à medida que forem chegando.

Renato Mezan

PONTO DE VISTA

Percurso em Salvador

A revista *Percurso* ganhou uma nova correspondente e um primeiro grupo de assinantes na capital da Bahia, Salvador. A Sra. Maria Eunice Santos Tabacof é psicanalista, professora da Universidade Federal da

Bahia e coordena um grupo de trabalho clínico-teórico. Com o apoio da Sociedade Israelita da Bahia, eu fui convidado por ela e seu grupo para um pequeno seminário sobre o tema Psicanálise e Judaísmo.

O evento teve uma ampla divulgação nos meios de comunicação (fui entrevistado na véspera pela TV educativa da Bahia e depois pelo jornal *A Tarde*) e uma participação considerável. No dia 11/05 abordei o

tema "Visão de conjunto da religião e da tradição judaica" que teve como debatedor o Sr. Miguel Kertzman. No dia seguinte discuti o tema "A situação analítica, o Moisés de Freud e a religião judaica" que teve como convidado especial o psicanalista e biógrafo de Freud, Emilio Rodrigué. Concluí com "Freud: filho legítimo do Judaísmo?" tendo como debatedor o ensaísta e tradutor (de Nietzsche e Freud) Paulo Cesar Lima de Souza. Sugerí que o que caracterizou a religião judaica, desde seus primórdios até a emancipação dos judeus, foi o sistema constitutivo de prescrições práticas, que devido ao seu "caráter negativo" e por permear todas as dimensões do ser e do viver do judeu, garantiu a unidade e a per-

sistência desta entidade, o Judaísmo, por mais de 3000 anos. No segundo dia tentei enfatizar que o negativo, o Não, é constitutivo da situação analítica (é o ato instaurador da cultura) relacionando-o, de um lado, com a grande inovação, segundo Freud, introduzida pela religião de Aton e a mosaica, que a seguiu - isto é, a negação da imortalidade (ou da morte do pai) distinguindo-as do monoteísmo cristão - e de outro lado com a marca negativa do sistema constitutivo dos preceitos judaicos e dos tabus, em geral, descritos por Freud em 1912. A afinidade entre os princípios instauradores da psicanálise e do judaísmo colocam a obra de Freud num lugar distinto em relação a tradição judaica. Ao contrário

de outras obras de judeus-alemães e outros ocidentais, como as de Kafka, Heine, Einstein, cujas origens podem ser atribuídas às conseqüências da crise da identidade judaica que advém com a emancipação (ou com esta a possibilidade de canalizar e investir novos objetivos), e portanto definidos negativamente em relação a essência da sua origem judaica, a obra freudiana é única por demonstrar, não só ressonâncias, mas uma afinidade de princípio com o judaísmo. Freud não é apenas fruto da cultura ocidental mas um filho legítimo do judaísmo.

Daniel Delouya
Percurso/Entrevistas

PONTO DE VISTA

Fumar e Não Fumar

Por que me sinto tão constrangido?

Constrangido ao escrever, constrangido a escrever.

Pedra no sapato da bela Assembléia. Um chato. Uma (fumante) comunicou que me ver lhe acende a vontade de fumar. Outro (não fumante) rindo me alcunhou com o nome de histórico sanitarista. Vários levantaram, respeitosos, para fumar na janela, na porta e até fora. Alguns destes mesmos e outros refumaram ao longo dos momentosos momentos - dois a dois, três por vez, dez a zero.

É interessante que só reforce esse meu sentimento de derrota quando ao cabo ou nos intervalos (mas sempre à boca pequena e algo secretamente) não-fumantes passivos aplaudem minha coragem de pedir moderação no fumo. Representante?

Ainda que, feito o pedido, a abstinência total se produzisse, tampouco me sentiria vitorioso. Não é por aí. Falta muita conversa, gente. Prá começar: interroguemos a dimensão coletiva do constrangimento, testemunhada pelo silêncio dos não-fumantes que depois elogiam minha coragem "de se expor", assim como pelo sentimento que muitos fumantes têm de estarem sendo crescentemente "cerceados por uma ideologia da saúde", conforme a emblemática expressão de um amigo tabagista.

Ainda prá começar: qual o campo de argumentos em que a conversa pode acontecer? Ético? Jurídico? Antropológico? Médico? Psi? Ou no multicampo do bate-papo, simplesmente?

Existe uma noção que com diferentes mati-

zes perpassa esses campos: lei.

Entre os não-fumantes que, em nosso meio, sentem-se constrangidos (entre os quais me incluo), opera-se não me engano a sensação de não ser legal. Não é legal apartear uma reunião por conta do cigarro. Não é legal interromper ou problematizar o gesto prazenteiro e espontâneo de acender, o gosto de fumar - e de fumar junto. Não é legal entrar uma certa ambiência comunitária. Sobretudo porque o aparte não é parte, ou seja, implica desvio do objeto do encontro. Há um certo código, uma certa lei tão informal quanto eficaz sancionando a falta de cabimento da reivindicação do direito de não fumar. Tolerada, até: educadamente, momentaneamente. Habitando a ordem natural das coisas, fumar não está na pauta.

Mas o constrangimento atinge por outro vértice os não-fumantes que não querem fumar: por que devo suportar calado uma prática que me turva a compreensão, me dá dor de cabeça, dificulta a respiração, me pespega na pele, cabelos, vestes um cheiro que me faz mal? Não estou me referindo aos efeitos de longo prazo (estatísticas dão conta de que cerca de 5.000 pessoas morrem a cada ano nos Estados Unidos em decorrência de doenças causadas pelo fumo passivo). Penso nas pessoas que simplesmente saíram de reuniões por não suportarem a fumaça. Penso nas ressacas sem prazer de véspera que significaram o sofrimento dos dias seguintes. Desse ponto de vista, o que é legal?

Frente à legalidade consuetudinária, aquela moldada pelos usos e costumes ou, cabe

dizer, pela força do hábito, não resolve simplesmente recorrer à lei positiva, à lei escrita e publicada formalmente. Podem ser invocadas leis ordinárias que proibem o fumo em recintos fechados. Pode ser lembrado o amparo constitucional do direito à saúde. Mas além da eficácia duvidosa de tal procedimento, isso arriscaria a idéia que me levou a escrever: propor um espaço de conversa.

Amigos queridos e colegas estimados muitas vezes me surpreenderam declarando mais ou menos o seguinte: numa vida que já exige tanta abstinência, contenção e renúncia, não poderiam tolerar uma interdição ao prazer de fumar. O que me surpreende é que fumar fique assim investido como região de um prazer de resistência, do qual não se pode abrir mão enquanto se pensa, se convive, se estuda, se debate e se trabalha a portas fechadas. Não basta, portanto, reintonar as condições de produção do hábito de fumar às multinacionais do tabaco, à propaganda maciça ou às vicissitudes da pulsão oral. É preciso tomá-lo em conta como estratégia econômico-libidinal de enfrentamento do desprazer.

De outra parte, o que constrange e apassiva a fala de quem não quer passivamente fumar? Além de não se sentir legal, outra hipótese de resposta, conexa mas distinta, pode ser aventada: sentir-se em minoria. Nesse caso, a vertente ético-política da questão ganha um relevo peculiar. Pois o pressuposto é o de que estaria em jogo um puro confronto de interesses no contexto de uma pura relação de força. Inscrever o pla-

no do interesse na dimensão do direito supõe a introdução de um princípio de justiça como referência supra-numerária. Supõe também introduzir a mediação legiferante da palavra dialógica onde antes havia uma pura relação de força.

Não tenho mais tempo. Toquei rapidamente num tema para abrir um espaço. Toquei? Abri? A continuação dessa conversa supõe reco-

nhcimento de um conflito e de uma forma de encaminhá-lo. Sei que não é fácil: para uns, fumar é muitas vezes ato que exprime uma compulsão aparentemente incoerível; para outros, como eu, fumar faz com que nossa socialidade psicanalítica tenha como condição uma considerável quota de sofrimento físico e de desprazer. O que para uns é lenitivo diante do mal-estar na civilização,

para outros é agravante. No entanto, se mais gente pensar em voz alta; se a legitimidade da questão ficar melhor estabelecida tanto para quem fuma, como para quem não; se novas visões e alternativas puderem ser propostas e debatidas, enfrentar o constrangimento não terá sido em vão.

David Calderoni

AGENDA

Ciclo Leituras de Freud

O ciclo Leituras de Freud, organizado pelo Departamento de Psicanálise, com encontros durante todo o ano de 1995, tem contado com a presença de mais de 200 pessoas e, como sua procura foi e está sendo muito grande, faremos as inscrições para o 2º Semestre dando prioridade a membros e alunos do Departamento de Psicanálise.

Inscrições:

De 1 a 8 de agosto - Membros e alunos do Departamento de Psicanálise

De 9 a 16 de agosto - Público em Geral

As taxas serão as mesmas, proporcionais a

4 encontros

Programação

16.08.95 *Um Caso de Neurose Obsessiva (O Homem dos Ratos) (1909)*

expositores: Cleide Monteiro

Rubia Maria Delorenzo

coordenador: Cecília Luiza Montag Hirschzon

20.09.95 *Luto e a Melancolia (1915)*

expositores: Anna Maria Amaral

Isabel Dora De Vilutis

coordenador: Plávio Roberto Carvalho Ferraz

18.10.95 *O Estranho Familiar (1919)*

expositores: Mario Pablo Fuks

Miriam Chnaiderman

coordenador: Marilúcia M. Meirelles de Alencar

22.11.95 *Mais Além do Princípio do Prazer (1920)*

expositores: Alcimar Alves Lima

Luis Carlos Menezes

coordenador: Maria Cecília Galli

Horário 20:30 hs.

Comissão Organizadora

NOTAS

Boletim

Com o objetivo de agilizar o trabalho desta publicação, lembramos que os textos devem ser remetidos datilografados e, quando possível, em disquete.

Jean Laplanche

O Núcleo Cinema e Psicanálise que acompanhou a visita de Jean Laplanche a São Paulo, junto ao Departamento de Psicanálise, acaba de editar o vídeo "Traduzir" com

a conversa de Jean Laplanche e Haroldo de Campos sobre este tema.

O vídeo está a disposição para empréstimo, na Secretaria do Departamento. "Traduzir" está em francês, é em preto e branco e tem 62 minutos de duração.

CLASSIFICADOS

Elisabeth Antonelli Gaiarsa

Comunica novo endereço de consultório
Rua Bento de Andrade, 549 - CEP 04001-010
Fone: 885-5095 / 887-6251

David Calderoni

Comunica
os telefones atuais de seu consultório
61-5117 / 535-2437

Wilson Klain

Comunica novo endereço de consultório
Rua Itapicuru, 369 / 1010 - CEP 05006-000
Fone: 65-4836

Conselho Editorial: Elisabeth Antonelli Gaiarsa, Eva Wongschowski, Henriette Abramides Buzaretschi, Maria de Lourdes Caleiro Costa, Sôzin Maria Rio Neves

Produção Gráfica e Impressão
AD Central Tec. Gráf. Laser - Tel.: 887-7782
Tiragem: 300 Exemplares